

Do traumático ao simbólico: destinos do sujeito

Interrompendo outro familiar: *Tô sonhando agora dotor; não sei se é porque estou limpo ou se é do seu remédio. Sonhei que a gente tava junto (mostra); eu, a mãe, o fulano, o tio (tal) e a tia (tal) e conversava, tipo família, sabe!?* e aí deu um estouro como se tivesse caído alguma coisa no chão e eu parei de sonhar. Acordou e foi ver se tinha caído alguma coisa? Não, não, só acordei. E fumei um cigarro.

POLÔNIO: Chega, Ofélia, para aqui... Majestade, ora busquemos nosso lugar. E tu, lê neste livro; a leitura pretexto será para tua solidão. Frequentes vezes somos passíveis de censura, pois abundam provas sobre isso, de que com bondade simulada e ações pias conseguimos tornar açucarado o próprio diabo. O REI: (à parte): Quão verdadeiro! Como essas palavras me chicoteiam fundo a consciência! O rosto rebocado das rameiras não é mais feio, sob a artificial beleza, do que a minha ação debaixo do verniz com que a enfeitam meus discursos. Oh fardo horrível!

POLÔNIO: Ei-lo que chega, meu senhor; saiamos. (O Rei e Polônio saem.) (Entra Hamlet.)

HAMLET: Ser ou não ser... Eis a questão. Que é mais nobre para a alma: suportar os dardos e arremessos do fado sempre adverso, ou armar-se contra um mar de desventuras e dar-lhes fim tentando resistir-lhes? Morrer... dormir... mais nada... Imaginar que um sono põe remate aos sofrimentos do coração e aos golpes infinitos que constituem a natural herança da carne, é solução para almejar-se. Morrer..., dormir... dormir... Talvez sonhar... É aí que bate o ponto. O não sabermos que sonhos poderá trazer o sono da morte, quando alfim desenrolarmos toda a meada mortal, nos põe suspensos. É essa idéia que torna verdadeira calamidade a vida assim tão longa! Pois quem suportaria o escárnio e os golpes do mundo, as injustiças dos mais fortes, os maus-tratos dos tolos, a agonia do amor não retribuído, as leis amorosas, a implicância dos chefes e o desprezo da inépcia contra o mérito paciente, se estivesse em suas mãos obter sossego com um punhal? Que fardos levaria nesta vida cansada, a suar, gemendo, se não por temer algo após a morte - terra desconhecida de cujo âmbito jamais ninguém voltou - que nos inibe a vontade, fazendo que aceitemos os males conhecidos, sem buscarmos refúgio noutros males ignorados? De todos faz covardes a consciência. Desta arte o natural frescor de nossa resolução define sob a máscara do pensamento, e empresas momentosas se desviam da meta diante dessas reflexões, e até o nome de ação perdem. Mas, silêncio! Aí vem vindo a bela Ofélia. Em tuas orações, ninfa, recorda-te de meus pecados. OFÉLIA Como tem passado, príncipe, no correr de tantos dias? HAMLET: Muitíssimo obrigado; bem, bem, bem. OFÉLIA: Tenho algumas lembranças suas, príncipe, que há muito devolver eu desejava; receba-as, por favor. HAMLET: Eu, não; eu, não; eu nunca te dei nada.

Os métodos traumáticos – castigos físicos e psíquicos – têm antiqüíssima aplicação na educação e no molde do caráter – conjunto de características adquiridas - aplicadas sobre o temperamento – constitucional, dando têmpera à personalidade. O estado espartano é imitado em nossa educação militar até os dias de hoje, desde as hostes romanas, cruzadas, nazistas, norte-americanas ao Jihad. Até pouco era o método escolhido na doma de cavalos. A dificuldade em temperar o caráter também é de discussão antiga e notável, como no *Lobo da Estepe* ou elementar como no dito vulgar: *é de pequeno que se torce o pepino*. Mas lembremos que Empédocles nos assinalou que é possível educar pela *admiração e reconhecimento*. O que também gera ‘traumas’, agora da linhagem da vergonha. A definição de *trauma* portanto é cultural. A *exposição a uma ameaça de morte* – condição *sine qua non* para o diagnóstico de TEPT (transtorno do estresse pós-traumático) - seguramente exige, para cada cultura, variações significativas na intensidade do trauma. Em geral, aceitamos um evento como traumático quando o ‘aparelho psíquico’ ‘tranca’ e persiste semiotizando muito próximo da senso-percepção; diz-se que isso se dá porque o aparelho foi inundado, pois teve a barreira contra os estímulos rompida. Modernamente, dizemos que níveis altos de hormônios no momento do evento determinam a intoxicação pela memória do evento, impedindo que se exerça a arte de esquecer. Seguem-se as reminiscências – em sonhos, alucinações, ilusões, delírios – e a inibição do espaço vital – determinada pela evitação da memória tóxica – e, em geral, ocorre significativa queda da *carga* do afeto (humor), bem como sua *constrição* – que fica restrito na amplitude de sua *modulação* – de jeito a encapsular a memória, e a *reciprocidade* do afeto fica inundada pela memória tóxica; isto é, a leitura feita do afeto na comunicação fica contaminada pelo evento traumático. O resultado, em poucas palavras, é *a perda da liberdade psíquica*, a perda da capacidade de sonhar, ensonar, devanear, de *reverie*. O curioso é que, no grupo, dá-se o oposto: o evento traumático é logo esquecido – daí a norma de fazermos os pacientes falar sobre o trauma e precocemente, como se o grupo operasse como um aparelho de recalibragem. Isso, até que lemos um e-mail escrito por uma ‘aborrecente’: *hoje fomos no campo de concentração, ele fica a mais de uma hora de ônibus/metro/metro daqui... é uma sensação tão estranha, tanta gente morreu ali de uma morte assustadoramente não natural... não conseguiria ter passado mais tempo ali mesmo, embora ache uma experiência interessante....* Pouco mais de 50 anos, menos de uma geração, e parece que nem é com a gente.

A existência destes transtornos, reconhecida de longa data, em várias faixas etárias e com inúmeras variações contemporâneas, sugere um modelo de aprendizado inconsciente e possível de contaminação intensa nos vínculos e, claro, entre gerações. Desde a *síndrome da criança espancada* até a atual - e ainda sem tradução - o transtorno da ‘amargura’ (*embitterment*) pós-traumática, como um novo sub-grupo de desordens de ajustamento, em que o desencadeante é um evento vital negativo de tal ordem, que viole o conjunto básico de crenças e valores do paciente; preservando, então, como motivadores psicopatológicos, eventos menos danosos dos que ocorrem no transtorno do estresse agudo e pós-traumático. Impressionantes e que nos devem impor atenção constante são os *transtorno reativo de vinculação na infância* e o *transtorno de vinculação com desinibição na infância*.

Esta idéia de marcas constitutivas parece ser o fundamento da construção do aparelho psíquico. Primeiro, os sistemas teóricos nos apontam que o ego se desenvolve porque a pulsão, ao não encontrar seu objeto e, claro, não descarregar, põe em ação o ‘aparelho psíquico’, constituindo uma barreira mais adequada para dar conta da realidade

– chamada de ego. (O problema da recursividade da teoria não é o caso no momento). Dito com Bion: Se a pré-concepção (necessidade) encontra sua realização (seu objeto da pulsão), desenvolve-se um conceito; caso não encontre o que busca, e a capacidade de frustração seja suficiente – o aparelho tenha boa carga e bem contida – desenvolve-se um aparelho para pensar os pensamentos que estão por aí procurando pensadores. Aqui, *frustração* é uma alegoria para capacidade de ser ou não ser traumatizado. Isto é, fica a chance de que o aparelho consiga transformar o limão em limonada, o que se vê pela complexidade de sua organização simbólica. Estes dias vimos uma *ausência, uma ruptura se transformar numa folha em branco, numa página vazia*. Segundo, que como todos sabemos, sempre ficamos marcados pelas cicatrizes; sempre vemos antes as cicatrizes. A experiência do amor como integração de pulsões parciais é bem mais tardia e, segundo o Prof. Freud, dá-se apenas na adolescência.

De qualquer modo, como sabemos, o Prof. não se ocupou de pacientes com aniquilamento do aparelho psíquico, com amputações físicas e humilhações limites; quiçá, imaginamos, porque estas coisas horrendas estavam na sua porta no dia-a-dia: judeu entre duas guerras mundiais, com irmãs exterminadas e entre inúmeras guerras regionais. Ficamos pensando se suas conclusões com o homem dos ratos – morto em combate – não está no mesmo vértice das interpretações de Klein a Richard quanto aos bombardeios nazistas. As vezes, data vênua pela leitura talvez não tão profunda, o abuso sexual foi considerado apenas como um acordar precoce da sexualidade determinando, dependendo do momento do evento, as várias neuroses. É assim que entendemos o Laurence das Arábias: *Meu problema Dr. É que eu tive muito prazer quando eu o matei*. Ou Hamlet – ‘*eu também queria fazer*’ (logo, o *eu controlo o que foi feito* fica valendo para os dois casos). Com Édipo talvez não seja tão claro. Parece mais que ele parou de sonhar; afinal, sem querer tomar partido, foi meio demais.

É bem possível que não sejamos tão donos assim de nosso mundo e que esse narcisismo gerador e presente em nossas teorias é necessário para nossa sobrevivência.

Mas vamos aos nossos textos! O fio de Ariadne que os une é a constituição do aparelho psíquico a partir de eventos com registros traumáticos..

O empobrecimento da capacidade representacional e simbólica e seu conseqüente impasse para situação analítica, proposta por Sissi Castiel no artigo “A construção do espaço analítico”, exige teorização a respeito do fazer clínico, no contemporâneo.

Como exemplo as patologias no narcisismo são revisitadas no texto de Adriana Silveira Gobbi, em que eventos com registros traumáticos vão deixando seqüelas na constituição do objeto psíquico e no desenvolvimento do self - si-mesmo.

Em “A Subjetividade na Adoção: um pequeno ensaio”, Ana Cristina Teixeira Briani, expõe as marcas que se apresentam no aparelho psíquico do sujeito adotado e discute suas implicações na técnica e na relação com o analista.

O destino do *infans*, a luz de elementos de sua própria história, vivida na relação com os pais na infância em interação com a bagagem constitucional/temperamento e com estressores do ambiente é debatido no texto “O Vôo de Ícaro – a trajetória de um caso clínico sob as luzes da psicanálise infantil”. A autora, Maria da Graça Borges

Fortes, retoma a importância da psicanálise de criança, na busca por resgates representacionais através do brincar e de outros elementos do *setting* infantil.

O gênero no fetiche, a partir de revisão da construção histórica da sexualidade é discutido por Carlos Alberto Garcia Junior, no texto “Entre Quatro Paredes: o gênero no fetiche”. A estrutura perversa é posta em cena como resposta e organização psíquica perante a vivência traumática da castração.

“Por trás do véu”, de Mariana Nolasco de Souza, remonta as palavras introdutórias de Hamlet para com as angústias da finitude da vida, com diferentes significados, para cada cultura, evitada e ignorada, vem produzindo efeitos maníacos, compulsivos e compensatórios do vazio, da apatia, nas mais diversas facetas na atualidade.

O *acting-out* é retomado no texto “Construções em Análise: entrelaçamentos de uma monstra (ação)!” de Maria Luiza Leal Pacheco. Este estudo caminha pelas sombras do irrepresentável, como pulsão desligada que descodifica e dificulta o desenvolvimento e as bordas do eu e a capacidade para pensar e simbolizar.

A psicopedagogia é discutida por Aline de Menezes e Rosalina Torman, à luz do deslocamento do objeto fálico imaginário, proposto por Lacan. Propulsor do desejo, da tríade edipiana e da linguagem, como elemento constitutivo e mola propulsora da aprendizagem.

No artigo Literatura Pop-Management: a religião do trabalhador pós-moderno, escrito por Patrícia Chies e Silvana Marcon, aborda-se as marcas do narcisismo exigente e tirânico como elemento constituinte da sociedade pós-moderna, onde a obrigação por perfeição e formas mascaradas/falsas de identidade, negam o afeto e a vida em sociedade, na busca por bengalas de alívio e disfarce para o enfrentamento da própria existência.

O comportamento delinqüente na adolescência e suas interfaces com o mundo pós-moderno que legitima o gozo, os excessos e o consumo desenfreado, produzem subjetividade que pouco ou quase nada estruturam uma produção simbólica, onde no seu lugar se faz presente o agir, refletem Daniele Brum de Souza e Danieli Di Giorgio Scheneider no texto: “A Sociedade Contemporânea e o Comportamento Delinqüente”. Ainda de modo criativo, Cristiane Rosa dos Santos, no texto “O Bagulho é Doido: considerações sobre a identificação delinqüente no discurso adolescente”, mostra como a guerra atual – violência – tem permeado a construção da identidade dos nossos atuais 'aborrecentes' atravessada pelo discurso social.

No “Interjogo da Conjugalidade à Parentalidade”, Janice Gamberro, Rosângela Corrêa e Renata Guenter, apresentam pesquisa sobre os mudanças na conjugalidade após a chegada do primogênito. Concluem que este momento de crise no desenvolvimento da família é mais bem vivenciado quanto melhor for fundado o vínculo de casal.

A aprendizagem e a questão do desejo e da tolerância ao diferente é trazida por Rejane Souza da Rosa no texto “A Inclusão de Alunos com Necessidades Educativas Especiais em Escola Regular”. A diferença como registro de deficiência é confirmada,

produzindo impasses ao desenvolvimento sadio de crianças que por suas limitações ficam apregoadas ao estigma.

Os mitos e sua relação com as pulsões retornam a povoar nossas formas de pensar quando retornamos ao traumático. A mente com sua característica mítica põe em ação a capacidade do eu de produzir conjuntos simbólicos produtores de subjetividade. Individualmente ou em grupo os mitos, via de regra, servem como suporte, contenção conclui a autora, Helena Glinbat, ao comentar o artigo “Mito e Psicanálise: quando eles nos vivem e quando nós os vivemos?” de autoria de Juliano Fontanari.

Ao final deste percurso, tecido em conjunto, com cada um dos autores e com o trabalho gráfico indescritível do Anderson Godoi (webmaster), com seu dom de expressar em imagem o que está além das palavras, com as amarras imprescindíveis do Prof. Juliano para a construção de cada uma das edições com sua dose de doçura e embasamentos profundos Bionianos, como mostra ao deslizar por Hamlet, pelos sonhos e pelos mitos, fomos preenchendo em conjunto as páginas em branco, atravessando os impasses e dando forma a mais uma edição de Contemporânea.

Aos leitores, boas associações.

Um abraço,
Renata Dotta Panichi e Juliano Fontanari - Editores
Porto Alegre, Outubro de 2008